

SOLEDADE

DE

MARIA

SANCTISSIMA:

AVZENCIA

DE SEV AMADO FILHO.

S E R M A M,

Que prégou na See Collegiada de Barcellos
O DOCTOR FRANCISCO DE MACEDO
Conego na mesma Collegiada.

no Anno de 1673.

EM COIMBRA, *Cõ todas as licenças necessarias.*

Na Impressão da Viuva de Manoel de Carvalho Impressora da
Vniuersidade, Anno de 1675.

A custa de Ioam Antunes Mercador de livros.

SOLE DADA

MARIA

SANCTISSIMA

AVENGA

DE SEU AMADO FILHO

SERVA MAM

QUE SEU AMADO FILHO

DEUS SEU PAI

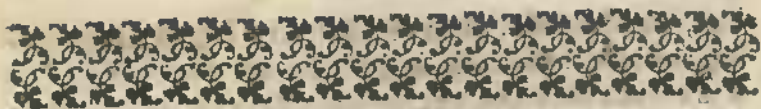
NO ANO DE 1811

EM CARTA DE 1811

DE 1811

DE 1811

DE 1811



Dimitte illam, anima enim ejus in amaritudine est.

4. Reg. 3. in cap.



SOLEDADE na companhia (Sereníssima, & sentidíssima Senhora) a soledade na companhia, porque ha companhias; q̄ augmentam a soledade. Lá o mostrou o Propheta Eliseu muito antes em figura; o que eu

com vosso favor, espero mostrar hoje a todos em successo.

Refere o Capit. 3. dos Reys no livro 4. daquella Real historia, q̄ prohibira com grande excessão o discipulo de Elias as assistencias de Ieisi nos prantos de Sunamitis, dando por rezão, que as auzencias de hum filho unico sò se aliviavam com as prezenças desse mesmo vnigenito; & q̄ o mayor obsequio de outra qualquer companhia duplicaria os tormentos daquella soledade. Comprido vemos o prazo destas alegorias, chegado vemos o tempo destas palavras, hoje se notam as verdades daquella figura, hoje se advertem os sentimentos daquella Sunamitis; daquella sagrada Mãy veremos hoje fieis o sentimento, porque hoje sentiremos a falta de seu amado filho. Se bem que as nossas rezoens, posto q̄ lhe assistam com apparencias de alivio, saõ as circunstances, que fazem mayor o seu tormento, crescendo tanto a soledade nesta companhia, que exclama Eliseu a deixemos com a sua pena. *Dimitte illam, anima enim ejus in amaritudine est.*

Isto supposto, duas consequencias venho a concluir no veneravel objecto desta piedosa acçã, venho a entender, q̄ da sua soledade fas Maria Senhora companhia, venho a inferir,

ferir, que da nossa companhia faz o seu sofrimento, soledade; as nossas rezoens são as que agravam o seu tormento, & a sua rezão he a que padece este sacrificio; que essa foy a causa, porque attendendo S. Bernardo a este tormento, chamou sacrificio da rezão a esta soledade. *Immolavit mentē.* A sua rezão foy a que padeceo, a sua rezão foy a que se sacrificou, as nossas rezoens foram as que concorreram. Mas que rezoens concorreram da parte do nosso agrado a fazer as partes de sua dor? Por parte da Resurreiçam concorrerão as esperanças; por parte da redempçam as conveniencias, por parte da communicação as lagrimas: as esperanças propunham rezão de alivio na Resurreiçam de Christo: as conveniencias propunham rezam de alivio na redempçam do mundo; as lagrimas propunham rezão de alivio na comunicação dos olhos: estas foram as rezoens que concorriam a fazer companhia, & estas as que augmentavam no tormento a soledade.

Augmentou se a soledade na rezão da esperança, porq̃ se augmentou com o rigor dos seus accidentes: os accidentes de hũa esperança pintou Christo, vede como ficou rervel à pintura, pintou hum homem cingido, que nam tinha mais que a semelhança trazendo nas mãos hũa tocha, todas as cores desta inigmatica figura achareis expressas no texto. *Sint lumbi vestri percincti, & lucerna ardentes in manibus vestris, & vos similes hominibus expectantibus Dominum suum?* Começemos por aquella circūstancia da lus, que nam deixa de ser escuro o entendimento da parabola.

Que vem a ser a lus acesa da tocha, senão o cuidadoso desvelo de hũa esperança? E senam vede como se desvella o resplandor sem descanço, como se desvella tambem a esperança sem socego: E se a lus nam descança, se a lus senam descuida, se a esperança he como a lus, que sempre vegia: q̃ alivio se pode achar no tormento de hũa esperança? Falando

lando o Espirito Sancto no desvello de Maria Santíssima o definio assi nos mysterios daquella parabola de Salamam, *non exinguetur in nocte lucerna ejus*. Dis que senam apagara de noite a sua lus; já se sabe, que fallava no cuidado desta lus, attendendo a escura noite de tua soledade: tempo em que o Sol Divino fazendo claro dia aos antipodas do Limbo, deixava em escuras sombras os moradores do vniverlo: *Tenebra facta sunt in universam terram*. E que rezaõ averia, pera que mais nesta noite do que em outro tempo, louve Deos os desvellos desta lus galharda? A rezaõ he, porque este foy o tempo em que as outras luzes dormiram, este foy o tempo, em que as outras luzes dezapareceram; & que lus vella, quando as outras luzes se descuidam, lus que vegia, quando as outras luzes dormem, para se admirar o seu tormento, se deve louvar o seu cuidado: a todos os discipulos da sua escola tinha Christo entregue às luzes de sua esperança, & *lucerna ardentes in manibus vestris, & vos similes expectantibus*. Levantouse o temporal da perseguição, & dezapareceo de improvizo o resplendor de todas aquellas luzes. *Tunc discipuli ejus relinquentes eum, omnes fugierunt*. E esta lus brilha, quando as outras faltam, quando as outras fogem o perigo se expoem esta lus com tanto desvello, justo he, que leve os aplausos por cuidadosa, pois se entrega aos tormentos por vigilante: *non exinguetur in nocte lucerna ejus*.

Proverbijs
cap. 31.

Luca cap.
23.

Marci. 14.

Estes encargos tem a luz no tempo, em que reynam as perseguiçoens, estes dispendios faz o seu resplendor no tempo, em que dominam as sombras: he tempo este, em que a lus não trata de luzir, & se dá caso do alumiar: os seus lustres entam sam os seus testemunhos: & os testemunhos da lus sempre foram custozos: ao Baptista chamou Sam loam testemunho do Sol: *non erat ille lux, sed ut testimonium perhibere de lumine*. Antes de fazer outra ponderaçam, pergunto,

pregunto, & o Sol necessita de testemunhos? A sua própria luz nam he o mayor testemunho, do Sol. Ora notay, tem o o Sol dous illustres pregoens, que o testemunham; tem dous famosos indices, que o publicam, tem o indice da luz, & tem o testemunho da flor, aquella flor, que os Latinos chamam Eliotropio, he hum dos indices, que tem o Sol nos seus movimentos: se ao Sol lhe quereis contar os passos neste florido relogio lhe notareis os cursos: porque tantos sam os movimentos, que o Sol fas em seu polo, quantos saõ os movimentos, que o Eliotropio fas no seu giro, pois assim foy o Bautista com nacer esta flor nos montes, soube guardar tantas cortesias ao Sol, que lhe bebeo os semblantes, naceu esperanza, porque naceu Precursor, foy girasol da luz, porque foy sempre testemunho do Sol, *ut testimonium perhiberet de lumine*. Mas là virã tempo, em que o Sol tome descanso, & vereis nas vesporas inclinar esta flor o colo; porque estas sam as illustres pençoës daquella flor, que emula sempre do Sol tem por empreza os testemunhos de sua luz. Ora ajuntemse as flores com as luzes, & na uniam de ambas se verã melhor o exemplo destas maravilhas.

Lã buscavam em Ierusalem o Minino Deos os cuidados de Sam Ioseph, & os dezejos de Maria Santissima; & quando estes pediam alviceras por acharem as assistencias daquelle Sol, nota o Evangelho, que dixeram tambem os pezames do passado tormento. *Tuus pater, & ego dolentes querebamus te*. Vosso putativo Pay, & eu, lhe dis a Senhora, vos buscamos com notavel dor. Que as luzes de Maria quando testemunham o Sol se cubram de lagrimas; essa he a antiga pensam das auroras? Mas que os lyrios de Ioseph, quando aparece a luz se occupem de sentimentos, isso he o que me fas duvidar. Mas se he obrigaçam sentirem as flores, quando choram as luzes, se de hum, & outro sentimento se compoem os testemunhos do Sol, que muito logo, que

Luce 2.

Quantã sũt
Lilii, nisi
amicus di-
lectus Ioseph
Rup. lib. 2.
in Cant.

do pranto daquellas auras, & do choro daquellas boni-
nas faça a sua madrugada de Jerualem aquelle Divino Sol
do mundo, *Pater tuus, & ego dolentes quarebamus te.* O
aurora sentida, ò flor choroza, nam bastavam os sentimen-
tos na luz, senam, que tambem vos cercaram espinhos na
flor? ò que bem o pronosticavam aquellas pallavras: *Inge-* Danielis
ruit Susana, & ait, angustia sunt mihi undique. Cercada cap. 12.
estais de espinhos Divina assucena, que isso quer dizer Susa-
na, porque supposto que esta flor senaõ ache com espinhos,
a vossa esperança logo naceu com cuidados, & se os do
templo foram tam chorosos: *dolentes quarebamus te,* os do
Calvario, como nam seriam excessivos, *angustia sunt mihi
undique.*

Pois ainda a esperança tem outro accidente, que a
fas mais terrivel, notay, que o dizem as palavras, *Sint lumbi
vestri percincti,* nellas dis Christo, que quem espera tem a
pençam de viver cingido. E isso porque, porque as penções
da esperança, nam vem a ser outra couza, senam os apertos
de vida, & mais rigorozo cilicio de quem ama, sam os aper-
tados laços de quem espera; essa he a rezão, porque assi co-
mo ha penitentes da penitencia, assi ha penitentes da espe-
rança: os que fas penitentes a penitencia, tem o motivo da
sua dor no conhecimento da morte; os que fas penitentes a
esperança tem o motivo da sua dor no aborrecimento da
vida, & que ame eu a penitencia pello conhecimento da
morte? Esse he o desengano que seguem todos; mas figa eu
a penitencia pello aborrecimento da vida; esse he o tormẽ-
to, com que senam abraçam muitos. S. Paulo dizia, *Cupio
dissolvi, & esse cum Christo;* dezejo romper os laços por não
loftrer os apertos: E que apertos sam estes com que abafa
S. Paulo; sam os apertos, em que o poem a sua esperança;
dezeja Paulo verfe na Eterna Gloria, suspira incançaavelmẽ-
se por viver nella Bemaventurança, & como este dezejo he
tam

tam rigoroso ; & como esta esperança he tam grande tormento, por isso dezeja romper os laços da vida, sò por acabar os tormentos desta esperança. *Cupio dissolvi, & esse cum Christo.*

Mas diram, que esse he o tormento de huma esperança dilatada, & que a esperança da Senhora nam podia ser grande tormento, porque era breve ; antes a esperança, que he breve na duraçam, essa he a mais dilatada no tormento: porque mayor he o tormẽto de quem espera, pello que està quasi prezente, do que he o tormento de quem espera pello que està distante. Sabeis quem o ha de dizer o mesmo Sam Paulo. *Christo crucifixus sum cruci;* estou com Christo crucificado na Cruz, pois que dezejais? *Cupio dissolvi, & esse cum Christo.* Dezejo dezatar-me pera estar com Christo: bõ dizer por certo? Estou com Christo, dezejo estar cõ Christo. Se Paulo tem o que dezeja, como se nam satisfas com aquillo que tem? Se està com Christo, como dezeja estar com Christo? Está com Christo nos brassos, & dezeja estar com Christo nos olhos. Paulo na Cruz de Christo tem hũa mão no brasso da Cruz; & outra no hombro de Christo; Christo na Cruz de Paulo tem huma mão no hombro de Paulo, & outra no brasso da Cruz : està Christo nos brassos de Paulo, & Paulo nos brassos de Christo, rem Paulo a Christo prezente, porque o tem nos brassos, & tem a Christo distante, porq̃ o naõ tẽ nos olhos, pera lograr pois esta prezença de Christo dezeja Paulo dezatar-se dos rigores da Cruz, a Cruz de Paulo he o rigoroso tormento de sua vida, o rigor da vida he ter a Christo nos brassos, & nam o ter nos olhos, por isso dezeja romper as prizõens da Cruz, em que vive porq̃ dezeja romper os laços da esperança em q̃ pena. *Cupio dissolvi, & esse cum Christo.* Ainda senam acabou de todo a minha duvida, se Paulo se abraçou sempre com toda a Cruz de Christo, como sente agora tanto hũa parte da Cruz, nam ter

nos olhos a Christo he ter a Crus nos olhos, ter os olhos crucificados he padecer hũa parte nos tormentos, com o presente hũa parte nos tormentos da Crus, quem se abraçou sempre com toda a Crus de Christo, porque esta he a Crus da esperança, & com esta nam tem comparaçam nenhuma Crus da vida, por isso vivendo Paulo sempre nas prizoões da Crus dezeja romper os laços de sua esperança, *Cupio dissolvi, & esse cum Christo.*

Bõa questam se vem offerecendo pera fechar a consequencia deste discurso. Qual foy mayor Crus, a Crus do Apostolo, ou a Crus da Senhora? Hũa, & outra Crus consistio na distancia; a Crus do Apostolo na distancia dos olhos, a Crus da Senhora na distancia dos brassos, Sam Paulo teve a Christo nos brassos, & porque o nam teve nos olhos, esta foy a sua Crus. Maria Senhora teve a Christo nos olhos, & porque o nam tem nos brassos, este foy o seu tormento, *complexu carnis se dolet.* Mas qual seria destes dous tormentos a mayor Crus? Mayor foy a Crus da Senhora, do que a Crus de Sam Paulo; prõvo. Entre Paulo, & a sua Crus estava Christo; entre Christo, & sua Mãe estava a Crus: Pera Paulo primeiro estava Christo do que estivesse o tormento; *Christus crucifixus sum cruce.* Pera a Senhora primeiro estava o tormento do q̄ estivesse Christo. *Iusta Crucem Iesu.* A Crus de Paulo he Crus distante, & a Crus que está distante crucifica menos. A Crus da Senhora he Crus presente, & a Crus, que está presente crucifica mais. Paulo, & a Senhora estavam crucificados, mas Paulo na sua Crus tinha a Christo nos brassos, q̄ he mais alivio, a Senhora na sua Crus sò o tinha nos olhos, que he mayor tormento; *Iusta Crucem Iesu Maria mater ejus;* Mas este he o tormento daquella Crus, porque este he o aperto daquella esperança.

Indã as ultimas palãvas, & vos similes hominibus mostram na esperança outro accidente mais terrivel; nellas

dis Christo, que aquelles que esperam, ficaram semelhantes a homens, & porque nam ficaram verdadeiramente homens aquelles, que esperam? Porque elle he o rigor de hũa esperança consumir as substancias, & deixar as apparencias, que bem o mostra aquelle sagrado inigma, que segundo conta Jeremias propos hum Solitario, quis hum Solitario definir inigmaticamente a sua esperança, & figurando a terra com a lamina de seu rosto, na impressa figura entalhou a minha esperança? E porque ha de estar a esperança nesse retrato, por ser tudo apparente nesta figura, porque a esperança costuma deixar os que esperam tudo figura, & nada realidade. Isto que dice Jeremias, confirmou S. Paulo. *Ipsè intra nos gemimus*, nam faço outra cousa dis o Apostolo senam gemer. Nam faço outra cousa senam suspirar, & que vos doe invencivel Apostolo? Que me ha de doer a minha esperança. *Gemimus adoptionem filiorum Dei expectantes redemptionem corporis nostri*. A minha esperança dis a fortaleza de Paulo, he a minha doença; o meu adocer he o meu esperar, ao amor chamou Salamam enfermidade. *Vt annuncietis ei, quia amore langueo*. Mas se reparais no texto, o amor nam se chama doença, o amor nam se intitula enfermidade, seuam quando auzente, De sorte, que quando u-sente passar o amor de ser logro a ser esperança, entam dis Salamam, que tem as indisposições de achaque. *Vt annuncietis, quia langueo*. Sendo pois a esperança hum continuo suspirar como dizia Paulo: sendo a esperança hum perpetuo adocer, como explicou Salamam: sendo a esperança, como insinuou Jeremias hum bem com tiores de mal, cujo timbre he deixar unicamente as apparencias da figura. *Pole-re, sup. sicut in pulvere os suum, si forte sit spes*. Como nam farei eu reparo nas differenças, que encontro, quando vos vejo, Senhora, entregue a tanto tormento? effeitos sam de vossa Es-
peran-

Jer. Thren.
cap. 3.

ad Rom.
cap. 8.
vers. 27.

Car. cap. 5

Jer. sup.

perança, essas cores sentidas, que noto na vossa figura, tempo sei eu que esses fermozos olhos foram luzes, que animou a bizarría pera illustre excesso dos melhores astros, mas hoje os vejo encubertas estrellas com o terrível eclipse de tantas penas; Tempo sei eu que essas ingrãçadas faces foram matizes que animou a gentileza pera despezo galhardo das preunçoens da roza, mas hoje as vejo com a neve de vossas lagrimas, consumido o resplendor, & apagada a viveza. *Vnde hac informis macies, cui tanta potestas.* Qual foy Senhora o Tyraão, que desfes a suave composiçam desta galhardia? Qual o tormento, que apenas vos deixou as delinçaõens na figura? Foy por ventura a esperança a que extinguiu o primorozo retoque desses esmaltes? Foy por ventura a esperança, a que descompos a semetria destes accidentes.

Claud. sup.

La compatava Platam o amor com a era. *Amor est Plato in instar hederae.* Mas se na era nãcem as folhas todas juntas, *Symp.* em forma de coraçõens, & coraçõens unidos sam metaphoras do amor, tambem se acha na era o verdor das folhas, & as folhas sempre verdes sam geroglificos da esperança: tem logo o amor, & a esperança metaphoras, tem comparaçõens, tem geroglificos na era. Assi he, mas supposto que a natureza cifrou na era estes dous affectos da alma, he muito pera notar o como decifrou tambem o genço de suas propriedades: as folhas que mostram o coraçam palpitam cõ qualquer vento; os ramos, que mostram a esperança enlaçamse com qualquer tronco: o amor nas folhas, com estar no coraçam treme a qualquer sobresalto, a esperança nos ramos com estar sempre verde, seca tudo a quanto se arrima: arrimase a era ao platano altivo, & vedes secar o platano, & prevalecer a era, mas essa he a condiçam do amor, temer, & sentir, mas esta he a condiçam da esperança consumir, & apertar, sendo pois este o natural rigor, cõm que a esperança

B Virgo in
off. par.
Quasi pla-
tanus
exaltata
sum Eccl.
24.

abraça, & confome o mesmo animo com, que se sustenta, que muito logo altivo platano, que vos salte a bizarría nas cores, se prevalece tanto a era por vos prender as galas? Se a vossa esperança he o mayor oposito da vossa beleza, que muito, que o seu rigor apenas vos deixe a semelhança? *Similes expectantibus.*

A estas accidentes da esperança se seguiram outros mais terriveis na conveniencia. A Redempçam do mundo: a redempçam da Mãe, a redempçam da Maternidade conhecida: o mundo remido: a Mãe pterervada: a maternidade conhecida: foram as circumstancias, em que a conveniencia fundou a suarezam, & foram tambẽ os accidentes, em que a soledade fundou o seu tormento. Vamos vendo as circumstancias, & veremos como creceu a soledade nos accidentes. Creceu a soledade na Redempçam do mundo porque supposto, que da parte de Christo admirou o seu amor, da parte dos homens estranhou a sua ingratiã. Este accidente bastou, pera que sendo a Redempçam huma obra de grande gloria se tornasse objecto de huma notavel pena. Tormento do coraçam divino chamou Deos a creaçam do homem. *Tactus dolore cordis in Genes. 1. 6. tristicus penituit eum quod hominem fecisset in terra.* Dis que lhe pezára muito de crear o homem na terra. O homem formado na terra dizia eu, que poderia motivar a Deos mayores agrãdos, do que se o formara da matéria do Ceo, ou de outra que fosse mais precioza, porque os debuxos, que se abrem nos quilates do ouro louvam o preciozo metal, em que se obrãam, & os q se entalliam nas vilezas do barro, effes sã os que engrãndecem a mãe, de quem os fabricã; devendo pois ser a criaçã do homem lisonja da mãe de Deos; porque lhe chama Deos tormento de seu coraçã? Porque supposto q o homem foy lisonja da mãe de Deos no primor do cuidãdo foy offensa do amor Divinõ na vileza da ingratiã, & bastou esta circumstancia da parte do homẽ, pera

pera q ouvesse, aquelle sentimento da parte de Deos. Por isto Deos se da porção offendido, quando parece, q a obra da criação o havia de ter litorgado, porq despois de comunicar beneficios sente o coração do amor, debradamente os aggravos, sendo pois na obra da Redempção dobrados os motivos de sentir como não serão da parte do amor dobradas as rezoões de penar. Quem me dera fora outro m o introductor na Rethorica deste sentimento, porq outro havia de ser o sentimento na admiracões deste caso. O se o mesmo coração de Deos, & o coração de Maria fossem os q reprẽntarãm esta queixa, he certo, que com outra admiracãm ouvireis estas palavras.

He possivel homẽ tirado dos nadas da terra, q assi pagas cõ essa ingratitude a que te fes tudo? He possivel, q de se impẽnhãdote Deos aquellas ptendas, q tu por hũ presso vil tinhas entregue ao poder da culpa; em ves de lhe seres muito obediente, te mostras assi desagradecido? Que Esau vendesse o seu morgado, & a sua primogenitura foy ignorancia; mas q tu cobrãdo esse morgado da mão de Iacob, o perfigas, he crueldade? Que Saul despois de tirar a David do campo, o queira matar no passo, seria temor de perder a coroa; mas q David trazendo a Absalão pera o passo, o perfiga este no campo, não ha rezão q disculpe esta n'alicia? hũ favor cõmunicado, he hũ obsequio merecido, & q merecẽdo tantos obsequios por tantos favores, reciba Deos do honẽ tantas ingratiçoens por tantas effensas, isto he o que a minha vos não sabe explicar, & s'õ aqille coração o pede sentir. *Dolore cordis intrinsicus*. Lá quis de finir Deos hũa pena grãde, & felo cõ estas palavras; *Erunt quasi clavi in oculis vestris, & lancea in lateribus vestris*. Virã tẽpo dizẽ as palavras, em q os vossos olhos se fechẽ, & o vesso peito se abra, & cõ q se ha de abrir o peito, & cõ q se hão de fechar os olhos? Pera fechar os olhos, dis que servirã de instrũmento o rigor dos craves: E pera abrir o peito, dis que servirã de rigor o instrũmento da

da lança, nestas palavras definiu a Sabedoria de Deos os rigores da mayor pena: nestas palavras se encluem Senhora todas as circunstancias da vossa magoa: nos vossos olhos se empregaram as durezas, que crucificaram vosso amado filho: *erunt quasi clavi in oculis vestris*. No vosso peito se embotaram as crueldades, que feriram seu mimozado lado, esta foy a cifra do vosso tormento, & este foy o Epilego da nossa ingratitude: Exaqui a rezão, porque vos atormenta este beneficio, porque da nossa parte leva consigo este agravo, *Dolore cordis intrinsecus*.

Tambem a circumstancia da preservaçam nam pode ser alivio da soledade, & a rezam he, porque representando da parte de Christo huma morte cheya de afrontas, representa da parte da Senhora huma vida cheya de petrogativas, & que seiais vò: meu Deos o afrontado: o porque eu seja o enobrecido? Que com vossos oprobrios se comprem os meus privilegios? Este tormento, dis o amor, sò vòs, que o prevenis, o considerais.

MARC. 16.

Quando o Senhor se hia recolhendo pera o Ceo naquella occasiam, em que deixava os homens na terra dis o Evangelista S. Marcos, que os tratara com aspeteza, & que pera entam guardara as reprehçoens da incredulidade. *Exprobravit incredulitatem eorum, & duritiam cordis*. Todos os Sanctos, & todos os contemplativos assentam, q guardara Christo as reprehçoens pera este tempo por não dizer amores aos discipulos: E porque lhe nam diria Christo amores? quando se auzentava nam era Pay amorozo? nam ficam o discipulos desconfolados? porque os nam cõsola nesta occasiam? Se Christo começara a dizer finezas, morteriam os Apostolos de saudades, & pera que os nam acabasse este sentimento, se negou aos favores, & se mostrou rigorozo. *Exprobravit incredulitatem*; mas que procedendo vòs entam menos liberal na fineza das palayras
vos

vos experia éte eu hoje t. m. fino na liberalidade das obras? Que naquella partida, onde as glorias tinhão o seu triumpho, tratalles vo. Senhor de prevenir as penas, & que nesta, onde as afrontas tem o seu suplicio me deixeis Senhor entregue a tantas magoa! Huma vida, que no seu beneficio encontra o seu tormento, com o quereis que na sua dor nam padeça o seu martyrio? Que morra Absalam na primavera da vida foy successo, mas que veja o Pay esta morte, & tenha por logro a coroa, he admiraçam? Eu fico que David a essa hora d'axasse a galla pella sepultura, trocasse a purpura pella mortalha isso me seguram aquellas palavras. *Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te.* Esse por serem do sangue de Absalam, os esmaltes da coroa de Israel, se por se tirarem daquellas miñas, os rubins, que adornavam aquella diadema, por nam padecer o pezo regeita aquelle pay este magestozo adorno; sendo eu vossa Mãy, & tendo a preservaçam huma coroa esmaltada com o vosso sangue, como he possível filho meu, que possa o meu amor com esta coroa? Como he possível, que se accomode com esta honra; a honra de ser preservada entre todas as criaturas, bem sei eu que he a coroa entre todas as graças; mas he coroa onde os rubins sam gotas de sangue, mas he adorno onde os esmaltes tem o rigor de espinhos; se foy de espinhos a coroa, que vos teceo a vossa Corte, como deixarei eu por ser Mãy vossa de imitar a vossa Coroaçam. Nesta parte? isto me quereis dizer, quando com a inclinaçam da vossa cabeça me offerecieis o adorno do vosso diadema; Por isso na tiara do Summo Sacerdote as romans, & o Pontifice se coroavam de espinhos em profecia de que a ambos nos haviam de perseguir os mesmos tormentos: De espinhos coroado enitastes Divino Sacerdote naquelle sacrificio, & os frutos de meu amor meñavam, q se lhe preparava tambem o mesmo dano, mas se os nossos tormentos foram em tudo semelhantes, inda asfficariam

2. Reg. cap
28. v. 33.

os meus delvelos mais contentes. A vós Senhor concedeu-vos o Pay que me obrigastes com dar a vida, & a mim nam me permite o desempenho com padecer a morte; que desempenhado ficaria o meu amor na satisfação de seu gosto: E que gozozo se acaballamos dous amantes no mesmo supplicio; se bem meu Jesus como sois flor primorosa, & eu erva grosseira, as flores, & as ervas nam acabam no mesmo tempo: já vira o Agosto, em que estas acabem, que agora no Março he a primavera, em que sò as flores morrem; acabay divina flor nas primaveras do Março, que pera mim se reservam o Estio do Agosto, & em quanto vos nam acompanho no lugar das flores; cá ficarei meu bem no lugar dos espinhos; nam he a primeira vez, que o campo vio nos espinhos a coroa; pode ser já como pronostico desta minha pena, esta será a consolação, que eu farei sempre de hũa honra, que a vós vós nam custa menos que o pressão da vida; inda as lagrimas, daquelle Pay se podiam enxugar com as ingraticões daquelle filho; mas eu meu filho, & meu Senhor nam tenho, com que suspender o pranto, & sò acho rezõens, com que avivar o sentimento: vós que ereis Absalam mais fermoço; vós que ereis o filho mais obediente; vós que ereis todo o alivio da minha vida, sois o que padeceis afrotozmente o rigor desta morte: morreu Absalam, mas nam acabou voluntariamente, pera que seu pay reinasse, vós filho meu morreis voluntariamente, & todo o fim da vossa morte nam vem a ser, senam o logro da minha coroa, & que viva eu Rainha ao rigorozo pressão de vossas afrontas? Que martyrio tam terrivel me será Senhor esta vida; eu a trocára pello tormento da mais cruel morte: *Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te.*

O outro accidente, onde creceu da soledade o seu tormento foy aquella circumstancia que chama S. Illesonso, redempção da Maternidade: vem a dizer o Sancto, que assi como

como Christo preservou a sua Mãe da culpa; assi preservou tambem a sua maternidade da opiniã; & isso como? Porque esta erradamente nam dicelle, que a Senhora nam fora verdadeiramente Mãe de Christo mostrou Christo nos tormentos, que padecia, tinha recebido da Senhora o verdadeiro ser de homem, que os tolerava, *ut Mariam veram Matrem ostenderet se hominem patiendõ tormenta monstravit.* Exaqui a circumstancia de alivio, que mostrou a rezão de conveniencia; exaqui a circumstancia do tormento, que encontrou na mesma rezã a constancia.

Esta foy huma das rigorozas tiranias da soledade ficar Maria Senhora despojada daqlla glorioza relaçam de Mãe, & por isso aquillo mesmo, que a conveniencia allega por alivio padece a soledade por tormento. Ao entrar Noemi pellas faudozas portas de Belem, ao ver os muros desejados de sua patria, depois de peregrinar tãtos annos nos alheios campos de Moab, dis o texto que suspirava o tormento de sua dor, & que rompia no sentimento destas palavras. *Egressa sum plena, vacuam reduxit me Deus.* Quando sahí de Belem levando o caro penhor de dous filhos, entã hia meu amor encrequecido com estas prendas; agora que me recolho sem elles, torna este vasio com aquella falta, pois nam torna Noemi com os parentescos de Rrut? Nam pode Noemi com estas substituiçoens encher os vafios daquelle falta? Nam ficis, que a falta, que experimentam as Mãys em semelhante perda: nam admite os suplementos de outra causa: sò aquelle bem, que ausente lhe deixou o coração vasio, quando já presente lhe pode communicar o suplemento.

Ex lib.

Rrut cap. 1

Nas ausencias de voffo Amado Filho, sei en que vos davam Senhora as substituiçoens do Discipolo Amado; mas as faltas de hum D'ns he impossivel, que as tope m as presenças de hum homem. Aquelle lugar, q̃ no coração vos

ficou vazio nam se pode satis fazer com este suplemento; por isto re parou, que dizendoye que Joam vos recebera em seu peito, não se dis que vos receberais no vello coração; porq̃ como este era o lugar do vello vngento; nam era bem que se occupasse outro filho; que pode ser. fosse ella também a causa; porque ainda depois de Christo morto ouve quem affirmasse lhe ficara o Evangelista no Lado. *Sanguinem illum non Christus muruus, sed vivens Joannes tenuit.* Grande louvor deste Sancto pois o seu lugar sempre foy o peito; grande resoluçam do vosso amor; pois este lugar sempre o destes a Christo. Mas que menos devia fazer aquella coraçam, cuja medida sempre foy hum Deos.

Origenes.

Para se ponderar melhor essa verdade nos propoem

August. lib. de Conf.

S. Agostinho essa rezam; *Amicus est de midium anime meae.* O meu amigo de S. Agostinho he ametade da minha alma, o meu filho de Maria Senhora he ametade do meu coraçam; assi he, & te a ametade de qualquer coisa nam compoem hum todo; senam com outra parte; que tenha igual medida; aquella coraçam cuja ametade he hum Deos inteiro; aquella coraçam, cuja parte he hum filho Deos, como he possível. Fideis, que perdendo esta parte pello rigoroso golpe da soledade se possa acomodar com as substituebens tam inferiores do Evangelista, claro esta que fica Joam sendo huma parte inferior aos outros regos daquelle coraçam, & que nam pode substituir os vassios daquelle falta, *Vacuam reduxit me Deus.*

1. 3. 1. 1. 1. 1.

A terceira, & ultima rezam he a das lagrimas. Tres vezes, & por tres differentes causas achou chorou Christo na lagrada Escritura; a primeira foy em S. Lucas, quando chorou sobre a Cidade de Jerusalem compadecido de sua Ruina; *Videns Civitatem fleuit super illam.* A segunda em São Joam quando chorou sobre a sepultura de Lazaro; mostrando que o amava muito; *lacrymatus est. Ecce quomodo amabat*

bat eum: attercira foy em S. Paulo quando chorou sobre a sua Cruz; mostrando sentir o foyr solitario; *ut quid dereliquisti me; eum clamore valido; & lacrymis*: De sorte que tres vezes chorou Christo; & tres foram as rezões porq chorou: chorou em Sam Lucas; & a compaixam foy o seu motivo: chorou em Sam lo am; & o amor foy a sua causa: chorou em S. Paulo; & a soa rezão foy a soledade: estas foram as causas que obrigaram a lagrimas o coração generoso de Christo: & estas podiam ser tambem as rezões; que obrigaram a prantos o nobre peito da Senhora: podia chorar por solitaria: por todas estas rezões podia chorar; mas em nenhuma dellas cobrar alivio tua dor;

Primeiramente as lagrimas da compaixam nam aliviam; atormentam; & isso, porque sam lagrimas justas, sam lagrimas que choram sobre o Sepulchro; & se tornam a ver nos olhos; & lagrimas, que se vem unidas ao motivo; porq se verrem, nunca foram alivio de quem as chora: tormento si mayor, de quem as liquida. Chorou Christo sobre Ierusalem; & chorou Ierusalem sobre sua ruina; mas acrescenta o profeta Jeremias, causa muito pera se notar, que nam serviram de consolaçam estas lagrimas, antes foram dobrado motivo de suas penas, *lacrime ejus in maxillis ejus, & non est qui consoletur eam ex omnibus caris ejus*. Todas as lagrimas tem por si a opiniam de abrandarem o sentimento de quem as chora, sendo pois esta a opiniam das lagrimas, qual sera a rezam, porque as de Ierusalem duplicam o seu tormento, & dificultam o seu alivio? A rezam he porque foram lagrimas vistas, & lagrimas choradas, & se as lagrimas choradas aliviam; as lagrimas vistas atormentam: cahião as lagrimas de Ierusalem sobre as suas ruinas, & estas ruinas, como em quebrado cristal se estavam vendo multiplicadamente naquellas lagrimas: cahiam dos olhos, quando se choravam *lacrime ejus*, tornavam pera os olhos quando

Jerem.
Thren. c. 1.
vers. 2.

se viam unidas ao seu motivo, por isso dificultavão tanto os alivios ao sentimento. *Non est qui consoletur eam ex omnibus caris ejus.* Mas qual será a razão d'isto mesmo? Qual será a razão porque as lagrimas vistas dificultam aquelle alivio que trazem as lagrimas choradas? A razão he porque as lagrimas choradas sahem do coração que as derrama, & as lagrimas vistas tornam pera o coração que as dificulta; quando eu choro mando aos olhos as minhas lagrimas, quando eu as vejo mando a memoria o meu sentimento: por isso quando eu choro me alivio, porque despedido do coração aquella dor, que me afflige; por isso quando eu vejo, me atormento, porque trespido ao coração aquella dor, que me mata; as lagrimas choradas por isso aliviam, porque sam lagrimas; as lagrimas vistas por isso atormentam, porque sam espelhos. Cada lagrima que se vê he hum espelho que me representa a minha dor: esta differença vay entre aquellas lagrimas, que chorou Ierusalem sobre os seus muros, & aquellas, que choraram os de Ierusalem sobre Babilonia: as lagrimas choradas em Babilonia deoas o sentimento, & levou as orio: as lagrimas choradas sobre Ierusalem deoas a compaixam, & representou as a Cidade: aquellas lagrimas apenas se choravam, quando se perdião, estas apenas se vertião, quando se representavão; nam andava tam prôpto aquelle sentimento em chorar como apressado o rio em o divertir. *Super flumina Babilonis, illic sedibus, & flebimus;* Exaqui a razão porq̃ as lagrimas em Babilonia podiam ter divertimento, porque eram lagrimas choradas. Exaqui a razão porq̃ as lagrimas em Ierusalẽ nam podiam ter alivio, porq̃ eram lagrimas vistas; via Ierusalem as suas lagrimas, & nellas tinha presente a causa do seu sentimento; & *lacrime ejus in maxillis ejus.*

Tempo sei eu que hũ dos emblemas de vossa fermosura soy como dis Salamam a fermosura desta Cidade. *Pulchra*

clara est amica mea, suavis, & decora, sicut Ierusalem. Agora tambem as lagrimas desta Cidade vem a ser Virgem Senhora a mais natural metáfora da vossa dor; se na sua fermosura teve comparaçoens a vossa beleza, na sua magoa tẽ tambem comparaçoens a vossa pena; se na mais fermozza Cidade do mundo achou a sua metáfora a nayot fermozura do Univerfo, nas incontolaveis lagrimas de huma Ierusalem tiveram o seu exemplo as copiofas lagrimas de huma compaixam; esta he a causa, porque se a vossa fermozura foy como a de Ierusalem sem excessso. *Decora ut Ierusalem,* a vossa dor será como a de Ierusalem sem alivio; *non es qui consoletur eam.*

Tambem as lagrimas da Senhora podiam ser testemunhos de seu amor, assi como foram testemunhos do amor de Christo as suas lagrimas na Sepultura de Lazaro; mas como as lagrimas, com que o amor se testemunha sejam os mayores tormentos cõ que se penaliza; testemunhando aquelle amor na copioza demonstração de suas lagrimas, deu mayores sinais da viva representaçam de suas penas. O mesmo Christo, cuja foy a doutrina, ha de ser a prova.

Chora Christo na Sepultura de Lazaro, & dis S. Ioam q̃ se inquietara muito seu espirito: *infrenavit spiritu, & turbavit semet ipsum.* O contrario se vê nos tormentos da Cruz, pois espirando o Senhor naquelles tormentos, dis o Texto do mesmo S. Ioão q̃ entregara o espirito cõ muito seccgo; *inclinato capite tradidit spiritum.* Qual he a razão desta diversidade, quando Christo entrega hũa vida, tudo he seccgo, & tudo perturbação quando chora quatro lagrimas. Por ventura custarlhehia mais a Christo o chorar, q̃ o morrer? Sim; perq̃ quando morre auzêtasse, quando chora descobri-se; & sendo pera o amor de Christo tão grãde tormento hũa auzêcia, inda aq̃lle descobri-se pelas lagrimas vê a ser tormento mais excesssivo, vem a ser tormento, q̃ elle tem por mais rigoroso:
por

Ioann. c. 13

Cap. 19.

por isso quando se auzenta, tudo sam socego; *tradit spiritum*, por isso quando se manifesta, tudo sam turbacoens, *infremuit spiritum*. Quando se auzenta por isso descança, porque emfim as auzencias no amor, nam sam as que mais o offendem; quando se descobre por isso se perturba, porq os test: manhos no amor sam o q: mais o violentam; vio: lentalte o amor no testemunho das lagrimas, porque estas o desnaturalizam, & o tiram do centro; nam se offende tanto o amor nas separacoens da auzencia, porque as auzencias reduzem o amor ao coraçam, onde tem o seu domicilio. Notay as acçoens com que o amor se auzenta, & consque se descobre, quando se auzenta o amor na morte inclina os olhos ao coraçam; onde poem à vista; *inclinato capite*; quando se descobre o mesmo amor nas lagrimas inclina o coraçam aos olhos, onde poem a curiosidade; *ubi posuisti eum*; E porque rezam inclina, quando se descobre o coraçam aos olhos? E porq rezão inclina o amor quãdo morre os olhos ao coraçam? Porque nos quis ensinar as diversas acçoens com que era tratado quando o auzente, & quando descuberto; quis nos mostrar o amor, que as acçoens da auzencia o traziam dos olhos ao coraçam, & que as acçoens do pranto o traziam do coraçam aos olhos. E se o amor nas auzencias busca logo o coraçam, onde tem o centro; *inclinato capite*, & se o amor nas lagrimas say logo aos olhos onde esta fora do seu domicilio; *ubi posuisti* claro està, q: menos padece o amor auzente pois fica no coraçam, onde tem a patria, & mais se violenta o amor descuberto, pois fica nos olhos, onde tem o desterro.

O amor choroço he amor desterrado, he amor ferido; bem mostra o amor as suas feridas, quando chega a dar por testemunho o sangue das suas lagrimas: Exaqui a rezam, porque a pedra ferida no dezerto foy figura do amor lastimado neste retiro; sempre reparei no enfase, com que a Es-

eritura chamou aquella pedra de Moyses pedernal de fogo. *Percutiens bis scilicem, egressa sunt aqua largissima*, dis que ferido aquella pedernal, em ves de dar chamas, brotara fontes, pois fôa pedra, cujas entrânhas sam de fogo, porque ha de ser a Madreperola das agoas; ahi está o ensaie dis Deos em mostrar que combina hum exterior choroço com hum coração abrazado; Se bem que nella copiosa torrente de agoas se deve tambem advètir o final das feridas. *Percutiens bis scilicem.*

O agoas do dezeitão! o lagrimas da soledade! o fogo amoroso! o pedernal ferido hoje! que aos golpes da Cruz, cujos mysterios representou a vara de Moyses se desfes o vosso coração em fontes de agoa, se nora o vosso tormento nas feridas do vosso amor. *Percutiens bis scilicem.* Dous foram Senhora os golpes daquelle pedra, dous foram tambem os rios da vossa magoa. E se lá quando brotaram fontes se feriram as chamas: cá ficou o amor ferido, quando se mostrou choroço, que estes sam os alivios, que o amor tem nas lagrimas: porque estes sam os tésse-munhos, q' acha nas penas. *Percutiens bis scilicem, egressa sunt aqua largissima.*

A ultima circunſtancia das lagrimas: foram as da soledade, co' esta se augmentou sem duvida o tormento de Maria Senhora crescendo tam copiozamente a sua amargura, que nem eu tenho palavras pera volo explicar, nem vos capacidade pera o perceber.

Caminha para a terra da promissam o numeroço campo de Israel; tocou o exercito de Josue as ribeiras do Jordão: & ali obrou Deos hum prodigio, que nos podeta servir nella materia de exemplo; porque dis o Texto sagrado, que entrara a atea de Deos a hombros de Sacerdotes, & que dividido o Cristal em duas teas fora fazendo a corrente duas alas: que nestas pararam algũas agoas a ver aquella maravilha, & as outras em arrebatada fuga correram aos mares da soledade;

Quod vng.
Moyſes ſit
Cruz Chriſt
is ita Beda
in Ex.
Georgius
Venetus
Tom. 31. in
Cat. 2.

dade; *Que inferiores erant in mare solitudinis, quod nunc vocatur mortuum descenderunt.* Esta procissão da arca do testamento, foy figura da que fizeram hoje os sagrados Discipulos de Christo; mas em nenhuma occasiam correram as agoas com tanto impeto, como nesta; porque sendo levado na arca de hum tumulo, nam o manâ figura do Sacramento, mas o mesmo pam do Ceo, o verdadeiro Corpo de Christo; & seguindo se logo nam o campo de Josue, mas o exercito daquelles soldados, que a petição dos Judeos lhe encarregara Pilatos aguarda do Sepulchro. Tanto que este funebre apparato passou à vista daquellas duas fontes q̄ ao Jordam podiam dar o nome, & aumentar a corrente, pararam algumas agoas suspensas no que viam, & outras correram atonitas no que admiravam mas foy o curso destas agoas tam excessivo, correram aquellas lagrimas com impeto tam arrebatado, que se augmentou a soledade, & creceu no coraçam aquelle mar tormentozo, *in mare solitudinis, quod nunc vocatur mortuum.*

Notay que o dis Texto se chama agora morto, & porque se a propria este mar com aquellas denominaçoens? Porque esta he a differença que vay entre aquellas agoas, q̄ se chamam vivas, & aquellas que os maritimos dizẽ agoas mortas; as agoas vivas descreffem no coraçam do mar, & crecem nas prayas, as agoas mortas descrecem na praya, & crecem no coraçam do mar; quando o mar leva às agoas vivas tem as prayas cubertas, & tem o coraçam vazio: quando o mar leva as agoas mortas, tem as prayas vazias, & tem o coraçam muito cheyo: as agoas vivas fazem o seu mar nas prayas, as agoas mortas fazem o seu mar no coraçam: Por isso o mar da soledade he mar de agoas mortas, porque he mar, que no coraçam tem as suas agoas. Lembrame

Yren. cap.
s. v. 44.

Senhora, que comparou Ieremias a vossa dor com a contrição; & logo lhe deu tambem as comparaçoens de mar;

Magna

Magna est velut mare contritio tua. A contrição he dor no peito, & a vossa dor por ser toda interior, he como contrição. Mas se he como a contrição por ser interior, & por ser dor no peito, que muito, que a compare Jeremias com todo o Oceano, porque se as outras lagrimas que correm pera os olhos tem as metaphoras de rio, as vossas que correm pera o coração tem as comparações de mar. *Magna est velut mare contritio tua.* De forte fizeis, que no sentimento de Maria Santissima ouve lagrimas fontes, ouve lagrimas rios, ouve lagrimas Oceano: a compaixam fes fonte das suas lagrimas; o amor fes rio das suas dores: mas aquellas fontes, & aquellos rios foram dirivando a sua corrente athe fizerem hum mar quasi immenso esta soledade: *in mare solitudinis.* As agoas da fonte, & as agoas do rio todas no mar tem o seu nascimento: as lagrimas do amor, as lagrimas da compaixam todas na soledade tiveram o seu principio; & se todas as agoas no mar se tornam desabridas, & fora do mar rompem tal ves suaves, todas as lagrimas fora da soledade suavizam aquelle sabor, que na soledade mostram rigorozo: nos motivos do amor, & nos da compaixam cortê as lagrimas com aquella suavidade, que tem as outras agoas fora do mar; nos motivos porem da soledade correm as lagrimas com aquelle desabrimento, que chega a ser amargura. Daqui se colhe, que nem as lagrimas com a sua communicação, nem a esperança com a sua Resurreição, nem a conveniencia com a sua Redempção foram rezoens, que do tormento da soledade fizessẽ alivio, antes foram circumstancias, que da soledade fizeram tormento; mas paremos Fieis, que tal ves estes alivios deixem de aparecer nas minhas rezoens, por serem mortas, & tal ves que o pareçam agora melhor em outras rezoens por serem vivas. Tres pessoas nomeadamente refere o texto que assistiram com a Se-

Joan. 19.

Iesus Matrem, & discipulum stantem. Assistio Maria Cleophe, & assistio Maria Magdalena. *Maria Cleophe, & Maria Magdalena.* E representadas estas tres rezoens na boca destas tres pessoas tam grandes tal ves que se satisfaça o tormento, tal ves que com ellas se calle a soledade.

Verf. 26.

Vide Hebraicos, Caldzorū Gracoriū, nominum interpretationem in Biblia.

Entre pois S. Ioam a representar a rezão de conveniencia, & como a ponderou este grande Evangelista? Com as circunſtancias do nome, porque Ioam tambem quer dizer piedozo, & quis mostrar o Sancto, que piedade tam nobre, qual foy a de Christo na Redempçam do mundo, merecia menos sentimento na soledade; mas se essa piedade quanto mais nobre da parte do amor de Christo, tanto foy mais vilmente correspondida da parte do amor dos homẽs, claro estã, que essa ingratitude serã motivo pera mais sentir, deixay logo meu Evangelista essa cortesia, que vejo crescer muito esta soledade: *dimitte illam, anima enim ejus in amaritudine est.*

Seguiose logo Maria Cleophe, ponderou a rezam da esperanza, & fes o seu arrezoadado tambem com as circunſtancias do nome. Porque Cleophas, quer dizer gloria, & insinua bem este nome a que espera Christo a tua humanidade despois de se acabar a rigorosa duraçam a sua pena; mas se quanto he mayor a gloria que se espera, tanto mayores sam os tormentos de huma esperanza quem espera tam grandes ditas, claro estã, que cada instante de dilaçam passara por bum ceculo de penas; deixay logo illustre Matrona essa obsequiosa demonstraçam de vosso amor, porque avivada a esperanza se aviva tambem aquillo amãgura. *Dimitte illam, anima enim ejus in amaritudine est.*

Seguiose finalmente a Magdalena ponderando as rezoens das lagrimas, mas quem havia de ser senam a Magdalena. Magdalena quer dizer magnifico, por esta rezam ponderou esta devota molher o magnifico daquellas lagrimas

mas pello doce alivio, que prometeram a tantas penas; mas se as lagrimas na Senhora excederam a inundaçoens de mar, onde tudo he amargura, claro está, que nam pode ter lugar a suavidade; ceda logo esta devaçam, & remeta ao silencio todo esse alivio, porque o mar deste sentimento he todo amargoço. *Dimitte illam, anima enim ejus in amaritudine est.* Assim augmentava aquellas rezoens, & aquella companhia o tormento daquella soledade, que por isso se intitula este tormento a soledade na companhia. Esta vem a ser a sua definiçam, & exaqui a soledade por fora, exaqui a soledade tomada pellas circumstancias, mas a soledade por dentro, a soledade tomada pella sua substancia que definiçam terá? Qual será o significativo de seu tormento? Pera se explicar o concerto achou a industria dos homens a instituiçam das voses, & a invençam das Escrituras, hoje tam bẽ pella invençam de huma escritura, vos hei de noticiar a todos o sentimento daquelle conceito.

Aqui tendes Fieis huma Escritura tam autentica, que vem a ser a mesma Escritura Sagrada; aqui tendes aquelle sagrado livro, onde se recupilam os dous testamentos; onde se acham os quatro Evangelhos, onde se nota o que dis a Ley, onde finalmente se cumpre o que dizem os prophetas, nam repareis no pouco adorno deste livro, porque se lhe falta o ouró no aceo das folhas, senam leva diamantes no concerto das brochas;

Non est conveniens luctibus ille color.

Ovid. lib.
de Trist.

No corpo deste livro nam achareis algum sentido, porque he corpo morto; mas na escritura achareis aquelles quatro, que tem o sagrado texto: aqui tendes o sentido literal nas letras, porque teodes muito que ler, & meditar nestas feridas: estas foram aquelles Caracteres que imprimio o odio, sendo prelo a Cruz, & o Sangue a tinta.

Aqui tendes o sentido moral, porque tendes o sentido

do amor neste rasgado peito; despois do corpo estar sem alento, mostrou aqui o amor, que tinha sentido. Aqui tendes o sentido allegorico porque tendes o sentido da Fee neste retrato; mysterio da Fee se chamou o Sacramento, porque onde se cre, o que senão vê, tudo he mysterio: sentido da Fee se chama este retrato, porque onde se cre aquillo mesmo, q̄ se está vendo, tudo he sentido.

Aqui tendes finalmente o sentido anagogico; porque tendes aqui o objecto da nossa esperança. Dizei todos a este Senhor, que pois obrou tanto; pera que esperássemos muito, faça elle por sua divina misericordia, que assi como o vemos na terra chagado, o vejamos no Ceo gloriozo.

E pois nestes sentidos vedes as virtudes q̄ este Senhor vos veyo ensinar ao mundo, nestas virtudes podeis ver tambem os sentidos, de que se compoem aquêlle sentimento, na virtude da Fee consideray a viveza, com que Maria Senhora ponderava o nosso remedio, & a nossa ingratitude; na virtude da esperança consideray as circunſtancias, com que esperava a gloria de Christo, padecendo rigor da mesma esperança. Na virtude da Caridade consideray o amor, com que choraria os desprezos de seu amado Filho, ficando entregue aos rigores daquelle desamparo.

Estas sam as interpetraçoens daquella pena tiradas do texto desta Escritura; & pois Senhora este he o verdadeiro livro da vida, fazei que os nossos nomes se imprimam entre as misericordias deste livro; Misericordia, &c.

LI por ordem dos Senhores Inquisidores este Sermam, & nam achei nelle couza contra a nossa Sancta Fee, ou bons costumes, antes o julgo digno de que se imprima. Coimbrã & Collegio da Companhia de Jesus 25. de Julho de 1674.

Francisco d' Almada.

POR ordem dos Illustrissimos Senhores Inquisidores vi este Sermam, & nam achei nelle couza que repugne a nossa Sancta Fee, ou bons costumes, & me parece muito digno de que se imprima. Collegio do Carmo de Coimbrã 3. de Agosto de 1674.

O Doutor Fr. Francisco Ribeyro.

Vista a informação podesse imprimir este Sermam que se intitula Soledade de Maria, Sãcissima, abzença de seu Amado Filho, q' pregou o Conêgo da Collegiada de Barcellos Francisco de Macedo, & depois de impresso tornò para se conferir, & dar licença pera correr, & sem ella não corra. Coimbrã em Meza 28. de Fevereiro de 1675.

Manoel de Moura Manoel. Pedro de Ataíde de Castro.

Manoel de Moura Manoel. Pedro de Ataíde de Castro.

Manoel de Moura Manoel. Pedro de Ataíde de Castro.

Manoel de Moura Manoel. Pedro de Ataíde de Castro.

S E R M A M

DA MARAVILHOSA INVENÇÃO, AM

D A

C R U Z S

COM A CIRCUNSTANCIA DAS
milagrosas Cruzes: q̄ apparecem na mui-
to nobre Villa de Barcellos,

P R E G A D O

PELLO DOCTOR FRANCISCO DE MACEDO,
Conego na Sec Collegiada da ditra Villa.

*Nemo potest hæc signa facere, quæ tu faces nisi fuerit
Deus cum eo. Ioann. 3.*



VOSSA Crus, & as vossas Cruzes (Om-
nipotente, & soberano Senhor Crucificado)
a vossa Crus, & as vossas Cruzes seram hoje
as obrigaçoens do dia, & as circumstancias da
solemnidade, & se em qualquer Sermam da
Crus por serem os mysterios remontados parecem os dis-
cursos encolhidos: em hum Sermam onde concorrem tan-

tos myfterios: onde as obrigaçoens, do dia mostrãm os myf-
terios da Cruz que fizetam os homens pera que padecesse
Christo, & as circumstancias da solemnidade mostram as
Cruzes, que mysteriosamente obra Christo pera que vejam
os homens hum Sermão por tantas circumstancias mysterio-
so pède certamente hum Orador Divino.

Là mandava Deos, que prègasse Moyfes na Corte de
Pharao, & escuzouse Moyfes dizendo, que ou o nam avião
de ouvir, ou finalmente o nam chegariam a crer, & q̄ o nam
tinham os Egypcios por tam perfeito, que se persuadissem
fallava elle com esse espirito: animou o Deos com apromes-
sa de alguns milagres cujo poder lhe dava: & que naquella
sua vara, tornou a repugnar Moyfes, dizendo que aquella
occupaçam de Prègador pedia hũa eloquencia muito clara,
& que elle conhecia de si mesmo era pouco cortente na
proza. Instã Deos revalidando os preceitos, & mostrando
novamente os socorros, disse que pode confiadamente
prègar na Corte, & que nem a presença do Principe, nem
o numero do auditorio o fariam perturbar, porque nunca
lhe faltaria que dizer, fechasse Moyfes a todas estas promes-
sas, & certa com aquellas palavras. *Mitte quem missurus es.*
Manday Senhor quem haveis de mandar. Manday a vossa
Sabedoria, q̄ pera as obrigaçoens do Pulpito nam se requer
menos, que hum Deos. E bem Moytes, nam bastais vòs cõ
tantas Doutrinas: nam estais ahi com tantas promessas, com
muito menos cabedal' aceitarã muitos o partido, vede que
não he pera rejeitar o prègar no Paço; se Deos vos dá hũa
vara tam milagroza; se as milhores provas do Sermam ham
de ser os milagres da vara, como nam accitais o prègar em
Egypto? Como pedis hum Deos pera esse Pulpito? mas se
vòs Senhor ponde a Moytes por pretexto, que ha de prègar
com a vara? se da vara ha de tirar Moytes o que ha de dizer
em Egypto da vara que não he outra ceuza senam a vossa

Que a vista desta obrigação b'ra diu Moyses que he neces-
sario hum O'ador Divino, & que nam b'ra a o seu tallen-
to por ser humano. *Mitte quem missurus es.*

Reparei nas circunstancias que occorrerão a Moy-
ses pera o nam aceitar o partido que Deos lhe fazia. Occor-
reulhe a vara na mão como vara, & a vara na terra como
serpeinte; a vara como vara he figura da Cruz, segundo o
commum dizer dos Padres, a vara como serpente he figu-
ra da Cruz segundo o mesmo dizer do Evangelho. *Sicut
Moyses exaltavit serpentem, ita exaltari oportet filius homi-
nis.* Valhame Deos! tantas Cruzes concorrem no Sermão
de Moyses? Concorre a Cruz figurada na vara? concorre a
Cruz figurada na terra, *Projice in terram qua. versa est, in
colobrum.* Mas se isto a Moyses lhe causava temor, *ita ut fu-
geret Moyses.* Com que temor, com que desalento nam su-
birei a este lugar tendo diante dos olhos as mesmas circun-
stancias de que fugia Moyses! A Cruz na vara he Cruz mila-
groza a n'ete de cubita; a Cruz na terra he, a Cruz mysterio-
samente figurada; & se a Cruz descuberta em Jerusalem, & a
Cruz figurada em Barcellos, sam as obrigaç oens do dia, & as
circunstancias da solemnidade? Hã assumpto cuja invençãõ
he milagroza, p'edo sem duvida hã narraçãõ Divina. *Mit-
te quem missurus est.* O que operando se moço p, sinh d 2.

Aos milagres chama a sagrada Escripura sinais: por is-
so quando os judeos na segunda terça feira da Quaresma
pediam a Christo hum milagre, dis o texto que pediram a
Christo hum sinal. *Magister volumus à te signum videre:*
E por isso Nicodem o: quando louvava Christo pellos si-
nais, dis o texto que o louvava pellos milagres. *Nemo potest
hac signa facere, que tu facis nisi fuerit Deus cum eo.* Nin-
guem pode fazer estes prodigios, ninguem pode fazer estes
sinais senam aquelle que tiver a Deos milagroza mente con-
figo. Milagrozos sinais sam os q' nesta Villa aparecem, porq'

são aquelles, sinais a que chama a Escriptura milagrosos. *Tunc apparebit signum Filij hominis*; Então, & referido ao dia do Juizo, dis Christo, que apparecera hum milagroso sinal no Ceo: & que sinal mais milagroso pode aver, que o sinal da Cruz, pois este he o que dis Christo ha de apparecer, entã, *supr apparebit*. E se a Cruz no Ceo he milagroso sinal de Christo, porque nam será tambem sinal de Christo, a mesma Cruz na terra? Se ninguem pode sahir com este sinal sem ter a Deos consigo. *Nisi fuerit Deus cum eo*. Saio do este campo com tantos sinais; apparecendo este sitio cõ tantas Cruzes? Se estará Deos aqui presente? là se nam duvida, mas qual será esta sua presença he, o que se pergunta? Esta pergunta, que he muito difficulzoza: & a sua resoluçam que ha de ser com grande novidade será todo o empenho deste Sermão de tal sorte que sendo o dia da Cruz, & sendo a solemnidade das Cruzes, nem nos afasteremos hum ponto que pede o dia, nem faremos huma breve digressão do q̃ está pedindo a solemnidade, a materia bem se vê que he de milagres, & por sobre natural, necessita pera se ponderar de muita graça, peçamola por intercessão da Mãe della.

A V E M A R I A.

Sendo esta materia tam sabida, tendo tam certo que o sinal da Cruz apparecido in solimento na terra he hum dos mayores milagres da Omnipotencia de Deos: nam faltou quem duvidasse destes sinais, & não faltou quem dicesse, que nam eram verdadeiros: o que supposto argumento affim; ou estas cruces que vemos são effeitos da malicia do Demonio, ou são illuzoens da vista do homem, ou me haveis de conceder que o Demonio figura maliciosamente estas Cruzes, ou me haveis de dar que os nossos olhos se enganam, quando as representam; porque fora da Omnipotencia de Deos eu nam vejo outra couza, a que se possa attribuir esta maravilha. Primeiramente he certo q̃ o Demonio

com toda a sua malícia nam pode formar estas Cruzes porq̃ he cousa tam indecente ao cuidado da Divina providencia, que nam permittirá Deos nam podesse o Demonio temear esse engano nas adoraçoens da Crus sagrada.

Sempre reparei em que permittindo Deos que as mais das maravilhas que obrava pella mam de Moyses, as obrasse o Demonio pellos Magos de Faraõ convertendo estes a sua imitação, as varas, em serpentes, nam confinrio Deos q̃ se gloriaſsem muito tempo com essa maravilha, porque diso texto que a serpente de Moyses devorara, & destruiu as serpentes de Faraõ; *Sed devoravit virga Aaron virgas eorum.* Pregunto? Nam permitté Deos q̃ os Magos de Faraõ sayam com a produçã das ranãs? Nam permite que sayam com a conversã do Nillo em sangue? Se estas maravilhas obradas pello Demonio as está Deos permittindo, como nam permite a conservaçã daquella maravilha? As varas convertidas em serpentes apertias aparecem na terra, quando logo a serpente de Moyses as traga, as devora, & as consume? Si; & notay a rezam a vara convertida em serpente hera figura da Crus como temos dito, & permittendo Deos que o Demonio obre outros sinais aparentes a representaçã deste, ou lho nam permite; ou permittido lho nam conserva. *Virga Aaron devoravit virgas eorum.*

Nem ao Demonio permitté Deos a conservaçã destes sinais, nem a nossa veneraçã ha de permittir as illuzões deste engano. Buscou Adam divindades naquella lenha, cuja fruita foy a perdiçã do mundo, & pondera a Igreja, que andara Deos tam puntual nas melhoras deste tronco, q̃ entalhiara logo o sinal da Crus cortiças deste madeiro. *Ipse signum tunc notavit, damna signi ut salveret.* Pregunto? Qual foy a rezam porque Deos pos o sinal da Crus naquelle tronco, onde enganosamente buscou Adam as veneraçõens do ser Divino? Está dada a rezam, buscou Adam enganosa-

ganosamente divindades em hum lenho: attribuo enganosamente a huma arvore as adoraçoens do ser Divino, & porque isto nam era obra, com q̄ se gloriaſſe o engano, mostrou Deos que sò no ſeu poder podia ter eſta maravilha o principio *ipſe lignum tunc notavit*, aſſi o mandou Deos òs primeiros enganos do homem nas illuçoens da Cruz, & aſſi ſidigo eu tambem que ſe o noſſo engano adoraffe neſtas Cruzes algũa illuzão fabuloſa, já Deos ſe dera por obrigado a illuſtrar noſſos olhos, já Deos ſe daria por obrigado a deſtruir eſte engano, *Virga Aaron devoravit virgas eorum.*

Tenho provado as duas propoſiçoens de meu thema: tenho mostrado como eſtas Cruzes, nem o Demonio as fabrica, nem a illuzam as representa. Isto provado ſoſmo aſſi o rigor deſte ſyllogiſmo. Ninguem pode obrar ſinais milagrosos ſem ter a Deos prezente: *Sed ſic eſt*, que eſte campo obra ſinais milagrosos: logo eſte campo logra as prezenças de Deos. A mayor deſte ſyllogiſmo fundaffe nas palavras do tema: a menor eſtà provada a conſequeſcia parece infalivel, necessita contudo de huma grande explicaçam pera ſer entendida.

Por hum de quatro modos pode eſtar Deos em huma creatura, ou pode eſtar por graça, como eſtà nos Sanctos: ou por dignidade como eſtà na Cruz, ou por prezença como eſtà no Sacramento, ou por verdade como eſtà na Fee. Eſtes ſam os quatro modos pellos quais Deos particularmente pode eſtar hoje no mundo: iſto ſuppoſto, ſuppoſto que eſtà por graça nos Sanctos: pergunto? Se eſtà aqui algum Sancto enterrado, do qual eſte ja Deos fazendo eſtas maravilhas? O julzo nam parece humano, mas pera tudo nos ha de valer o ſagrado Texto.

Sepultouſe a eſpoſa em vida, retirouſe aos aſagos da Divina prezença, & começou a dizer: *Columba mea in foraminibus petra oſtende mihi faciem tuam*: Eſpoſa minha, que eſtais

estais em as bovedas de hum tumulo; vòs que estais metida nos marmores de hum sepulchro, lahí, que vos quero ver, mostray a face que vos quero glorificar: Pregunto? Tanto cuidado: poem Deos em mostrar o sepulchro da Espôsa? Tanto cuidado em que a conheçam? ò nam vedes que assiste nesta alma por graça, como havia de permitir que o seu corpo vivesse escondido em huma sepultura. Por isso dis. *Ostende mihi faciem tuam*: po que nam permite Deos que a reliquia de huma alma, em que assiste por graça esteja sepultada em os depósitos do esquecimento. Se este dilatado campo que vedes fora semetério, como alguns diceram, de martyres gloriosos já Deos havia de ter mostrado suas memoraveis reliquias, porque nam he menos efficaz o cuidado com que zela o aplauso de suas honras.

Quanto mais que o fazelo Deos agora, já nam era tratar do credito dos Sanctos: era acudir ao abono de seus decretos; húa das cousas que Deos tem decretado, he nam fazer couza nõ mundo que pateça superfluidade, este he húa dos acertos grandes de sua sabedoria, & este he húa dos grandes abonos de sua escolha: Daqui tirou S. Ioam Christo a rezão, pera que Christo nam convertesse as pedras em pan, como he. pedia o Demonio. *Potest de lapidibus panes facere, qui aquas convertit in vinum. sed signa fidei praestanda non sunt dolis; sed credenti.* Os milagres dis o Sancto nõ se ham de obrar por amor de hum coraçam, que engana, se nam por amor de hum coraçam que cre o que se lhe ensina: E a rezam disto, he porque os milagres que se obram por amor de hum engano, tem o fim occiozo, & os milagres q se obram por amor de hum assento, tem o fim verdadeiro, & Deos nam obra, nem costuma obrar milagres pello q he superfluo; obra si prodigios pello que he necessario; *Signa fidei praestanda sunt non dolis; sed credenti.*

Se cõ estes sinais intentasse Deos mostrarnos a reliquia

de algum Sancto nam o tendo feito ategora, & continuando se o pre os mesmos prodigios, quem duvida que obrava já hoje milagres por hum engano; quem duvida que o fim destes prodigios era já hoje ociozo. Os sinais diriam huma cousa, & Deos intentaria outra: Os sinais diriam eu quero mostrar: & os intentos de Deos diriam, eu não quero descobrir, & nós entre estas opposições preguntariamos a Deos. A que fim Senhor fazeis estes sinais; & Deos ou nos nam saberia responder, ou arguido pellas nossas rezoões conseqüaria que ociosamente os chegava a obrar. Todas estas conseqüências sam muito indecentes, & muito improprias na sabedoria de Deos: logo os antecedentes, em que se fundam nam sam verdadeiros: nam estão aqui logo as Reliquias de algum Sancto, nem Deos aqui assiste com aquella presença q̄ testemunham outros prodigios.

Segunda pergunta: Estará Christo por presença de dignidad: Estará neste lugar alguma Reliquia de tua Cruz, cuja dignidade o Senhor abone com estes stemunhos? Pera o não cremos tenho ainda outra mayor razão. Fala o grande Profeta Isaías na Resurreição de Christo, següdo a interpretação de muitos, & dis. *Egredietur virga de radice Jesse; & flos de radice ejus ascendet*, dis que brotaria hũa vara cõ representações de Cetro, & q̄ naceria hũa flor na raiz d. sta vara. Por esta flor entẽde Eucun: meo a humanidade de Christo na sua Resurreição; & assi toma aquellas palavras do Psalmista applicandoas neste sentido: *refloruit caro mea*. Mas contra este texto assi interpretado tenho eu hũa grande duvida; se por esta flor se entende a humanidade de Christo: flor que como princesa mere ce o cetro entre todas as flores; porque senam pinta esta flor nos remates do Cetro; que assi o cõstumam fazer os Principes do mundo: logo por todas as circunstancias parece muito impropria esta pintura de Isaías: porque ou Isaías pinte as flores como
naceu,

nacem, o lugar das flores que nascem he o remate da vara, ou pinte as flores, co' no se costumam pintar: o lugar das flores que se pintam he o extremo do Cetro; mas porque rezão trocaria a pintura desta flor o grande Profeta? Porqu' nam pinta esta flor ao natural senam ao milagroso, nos remates da vara, & nos extremos do Cetro tem seu lugar as flores que nascem, ou aquellas flores que naturalmente se pintam, podem as flores que refucitam nam devem de ter o mesmo lugar; & qual será disso mesmo a razam? Qual será a rezam porque refucitando Christo como flor Divina nam refucita ao natural das flores? qual será a rezam porque não aparece esta flor no remate da vara? porque sendo a Crus de Christo a sua vara: sendo a sua Crus o Cetro daquella flor; por isso enfeita de flores a raiz da vara por trazar com decencias o lugar da Crus; *& flos de radice ejus ascendet.*

O lugar onde esta arvore da Crus tem as suas raizes, faz Deos Senhor nosso hum paraizo de flores; senão dizeime q' lugar buscou Deos no principio do mundo pera colocar a figura de sua Crus? A Igreja o conta: *hac est arbor dignissima in Paradisi medio citata.* E se a figura de sua Crus nam permite Deos senam entre as flores de hum paraizo, se neste campo estivera hum piqueno garfo do mesmo tronco, como vos parece que estaria este campo? Aqui madrugariam as flores, aqui vigiariam as estrellas; aqui se ouviam os anjos. Aqui se enlevariam os homens; nam he acõmodaçam de meu juizo, sãõ palãvras expressas do sagrado texto: *Laudate Celi quoniam misericordiam fecit Dominus, subilate extrema terra, resonate montes laudationem saltus, & omne lignum ejus, quoniam redemit Dominus Jacob.* Vem a dizer: louvay Ceos, cantay montes, resonay vales, & sejaõ as letras deste contraponto os louvores de todo o lenho. *Laudationem saltus, & omne lignum ejus.* Reparo; nam basta louvar parte deste lenho, todo ha de ser louvado, todo ha de ser aplau-

aplaudido? Si, dis a Escriptura, & isto por duas rezoens: *quoniam fecit Dominus misericordiam: quoniam redemit Dominus Jacob*: Porque fez Deos a sua misericordia, porque remio Deos a Jacob, como o lenho da Cruz foy o instrumẽto da Redempçam do honrẽ, como este sagrado foy o triumpho de sua misericordia naõ contente q̃ d' este Lenho se perca hũa sò parte no mundo, & por isso descobre re do o lenho com repetidas vozes. *Laudate Cali; jubilate extrema terra: refovat e montes laudationem salus, & omne lignũ ejus.*

Cento, & trinta annos havia q̃ o lenho da Cruz estava encuberto, escondido, & sepultadõ de baixo das memorias de hum templo de Venus, & sendo tantas as diligencias que fez o Demonio pera o encobrir, lá buscou Deos meyos bem extraordinarios pera o manifestar: ouviram se musicas, appareceram Anjos; abalaram se magestades: obraram se prodigios; veyo Sancta Elena a Ierusalõm, convẽcou o Patriarca da mesma Cidade, foram todos em procissam ao lugar do templo, cavaram os alcerces, & quasi no centro do edificio acharam tres Cruzes; que com esta confuzam intentou o Demonio esconder o instrumento do nosto remedio, mas nam faltou Deos com os milagres; pera que se descobrisse o thesouro tam precioso, porque applicandose por orden do Patriarca todas as tres Cruzes ao penoso achaque de huma molher; logo a saude milagrosamente restituida tr õstiu qual das tres era a Cruz verdadeira. Exaqui os sinais, exaqui os milagres; exaqui as diligencias, com que Christo costuma descobrir o sagrado Lenho de sua Cruz, & nam sendo desta data os milagres que vemos neste venturoso campo, bem se infere nam estar aqui Deos por presença de dignidade, nẽ estar finalmente aqui o thesouro de sua Cruz.

Supposto que não está aqui Deos por presença de dignidade, tan bem he clãro nam estar por presença de Sacramento; nam faltou quem dicesse estava o Sacramento escondido

dido neste campo trazendo pera isso certa tradiçam de hũa batalha, que com os Mouros tiveram os Catholicos desta provincia, acrecentando escondera as especies Sacramentadas por temor do sacrilegio, o sacerdote que a horã da batalha assistia na celebraçam de tanto sacrificio.

Com licença poreu de vòs, tam authorizada, nem essa tradiçãõ he constante, & posto que o fora, jã, Deos nam permitiria o segredo de tanta maravilha, porque attendendo as circumstancias deste citio repugna, com essa narraçam o estillo do sagrado texto. Sempre reparel muito buscar Christo pera instituir o Sacramento, nam qualquer lugar, senam hum Cenaculo òem apartado: *Ostendet vobis*; dis o mesmo Christo; *Cenaculum magnum stratum*, & *ibi parate*, crece mais o meu reparo com o que dis Nudeu, cuja authoridade he inviolavel, nesta materia. Porque dis ser o Cenaculo a quelle sobrado mais alto, & mais levantado da terra, onde os Hebreos costumavam ter a peça da melhor falla; isto assi suposto fundo o meu reparo com o Doutissimo Mendõça, feliz ornamento da Companhia de Iesus nos Reynos de Portugal. He possivel meu Deos, que pera nacer buscais hũ precipicio, pera viver hum dezerto, pera triunfar hum patibulo, & pera vos Sacramentar buscais hum Cenaculo? Se pera o nascimento, se pera a vida, se pera o triunfo, nam tratais das magestades do lugar, como tratais de q̃ seja o lugar magestozo pera o Sacramento? Porque nam fia o Sacramento de qualquer lugar. Pera a presença de seu Divino Corpo busca Christo os aparatos de hum grande Cenaculo: *Ostendet vobis Cenaculum magnum stratum*. Nesta rezãõ que he commua fundo eu as particularidades da minha rezãõ: se Deos zela tanto os lugares do Sacramento, que pera a sua Instruiçam buscou unicamente grandezas, desprezando as toda a sua vida neste mundo? Se quando fazia estrudo nas humildades pera o exemplo da vida, buscou as

soberanias pera o culto deste mysterio? hoje que glorioso já senam permite senam a veneraçoes; hoje que exaltado sò procura que exercitemos os primores da nossa Fee, como havia de consentir estivesse ha tanto tempo sepultado, o Sacramento indecentemente neste campo?

Ainda esta rezão se reforça mais com aquelle exemplo dos Anjos da Resurreiçam. Preguntaram os Anjos aquellas devotas molheres, se buscavam o corpo de Christo com os olhos no sinal da Crus. *Iesum quaritis Crucifixum*, & acrescentaram que nam estava alli o corpo, mas que alli estava o lugar onde o tinham posto. *Surrexit non est hic, ecce locus ubi posuerunt eum*. Não está aqui o corpo, mas aqui está o lugar, onde o puzeram? pera testemunho da Resurreiçam nam basta o pregam dos Anjos? Pera q̄ mostram o lugar as Marias? Pera que o venerem, pera que o respeitẽ, & pera que o adorem como se diceram este he o lugar, em que se collocou tam Divino corpo, rezam he que veneris tam sagrado sepulchro. E se ao lugar do sepulchro onde sò tres dias esteve o corpo de Christo, baixam os Anjos do Ceo que o venerem os moradores da terra; sendo este campo ha tantos annos deposito do corpo Sacramentado; que pregoes do Ceo nos nam ensinariam o seu respeito, pello q̄ se inda hoje buscais corpo de Christo pellos sinais da Crus, *Iesum quaritis Crucifixum*. Reparay que vos dis S. Marcos nam estar aqui neste lugar esse Divino corpo. *Non est hic*.

Nam está neste lugar Christo por presença porque não está neste lugar o Sacramento: nam está por dignidade, porque nam está neste lugar o Lenho da Crus; nam está por graça, porque nam está neste lugar a Reliquia de algũ Santo: como está logo neste lugar, porque ninguem pode fazer estes sinais sem lograr a presença de Deos: *Nemo potest hac signa facere, nisi fuerit Deus cum eo*. Suposto que estes sinais nam nos mostram a presença da graça, suposto que nos não

significam a presença da dignidade, suposto que nós não a prometem a presença do Sacramento: sabeis o que nós testemunham estes finais prodigiosos? testemunham a presença da Eec: aquella presença que Christo tem nos actos da nossa Eec, como verdade infallivel, & como objecto infavel desses actos, essa he a q publicam os finais destas Cruzes: sam as Cruzes de Barcellos, hum claro demonstrativo da presença de Christo, em quanto está presente a nosso entendimento como summa verdade.

Mas direis que pera este fim mais aptos pareceriam estes gloriosos finais se se vissem no Ceo formados em luz, sò que mostrando se na terra figurados em sombra, (porque as cores, com que se figuram estas Cruzes nam sam outras senam as de huma sombra, que como escuro matiz em campo amarello vay distinguindo a forma daquelle bizarto extendarte) podendo se dizer q em profetica relação desses prodigios, entrou na Igreja Catholica o sagrado metro daquelle hymno. *Vexila Regis prodeunt, fulget Crucis mysterium*: tornando à duvida, respondo que mais proporcionado significativo da Eec he o sinal da Crus figurado na terra, do que podia ser o mesmo sinal representado no Ceo: a rezam he porque a Crus na terra he o sinal daquelle juizo, em que a Eec se abraça; a Crus no Ceo he sinal daquelle juizo, em q que a Eec se julga quando Christo vier a julgar os defeitos da nossa Eec naquello ultimo dia, em que se ha de acabar a Igreja: hum dos finais que ham de aparecer neste juizo, sera o sinal Da Crus: *tunc aparebis signum filij hominis*: nam he logo a Crus no Ceo sinal, que testemunha aumentos, pois significa os fins da Eec, que se julga, na terra si: he o testemunho que promete aumentos grandes, pois significa a dilatação da Eec, que se propaga. Sabeis quem o ha de dizer, não he menos authorizado fiador, que S: Leam.

Nota o S. Pontifice entregar Christo a sua Crus a Simão Cerineo,

Cerineo, & dis que foy hum final da sua Fee aumentada na aceitaçam das gêtes: *ut tali facto prassignaretur gentiū fides*: Suposta a lus que nos dá a primeira Cadeira da Igreja, entro aponderar huma circumstancia, com que a Escriptura falla nesta entrega da Cruz de Christo. *Angariaverunt Simonem quendam venientem de villa, & portavit Crucem post Iesū*. Notay fideis que nam ha palavra na Escriptura que careça de mysterio; Quando o Espirito Sancto quis mostrar alegoricamente os aumentos de nossa Fee, dis o texto que os mostrou disponde que a Cruz de Christo se entregasse a hum homem natural de huma Villa *venientem de Villa*. Poiq̃ não ao natural de huma Cidade, porque nos dava já a considerar, em que os naturais de huma Villa receberiam os mysterios da Cruz como finais infalliveis do aumêto da nossa Fee. *Ut tali facto prassignaretur gentium fides*. Dentro em Jerusalem havia homens que podiam levar este gloriozo brazam, mas Deos, que nada se move sem a sua disposiçã, dispos que hum homem pequeno levasse aquelle timbre, poiq̃ nãas limitaçoens daquelle povo, queria Deos decifrar as grãdezas daquelle mysterio.

Quando Iacob abençoou os dous filhos de Ioseph, dis o texto do Genesis q̃ erufara as mãos em favor de Ephraim, que era o filho menor. Aquella bençam de Iacob foy o final, como dizem todos, da vinda de Christo, & do augmento da sua fee: por isso quando o Sancto Patriarcha ouve de prometer estes aumentos naquelle final, nam deu a Cruz a Menaces, que era o primogenito, deu a Cruz a Ephraim que era o menor dos filhos. *Frater ejus minor, maior erit illo, & semen illius crescet in gentes*. Notaveis palavras, & que no sentido da accommodaçam, encluem hum grande louvor deste nobre povo, ouvesse Deos com os mais povos de Portugal, assi como se ouve Iacob com os outros filhos: a todos os filhos deu Iacob a sua bençam, a todas as terras deu Deus

a sua felicidade, porê a felicidade de Barcellos, a sua bênção he bção de Etraim; nas Cruzes desta bção promete Deos a propagaçam da Fee Catholica. *Semen illius crescet in gentes*, que dos instrumentos que parecêm mais improporcionados, costuma Deos tirar os effeito mais milagrosos.

Pera que se intenda melhor a gloria, que destes finais participa este povo, quero coroar com hũa questam este discurso. Que final podia conservar Deos mais gloriozo nos testemunhos da Fee, o final da Cruz, ou o mysterio do Sacramento? Eu nam disputo qual dos dous mysterios seja mais glorioso, porque bem conheço que mysterio por mysterio, mais glorioso, mysterio he o Sacramento, porque contem toda a gloria na real presença de Christo, o que nam tem a Cruz, porque a Cruz nam contem em si a presença de Christo, & sò tem a representaçam que lhe dá toda a dignidade: logo como mysterio mais glorioso he o Sacramento; mas como final da Fee qual destes dous será o mais glorioso? Mais glorioso final da Fee he a Cruz do q he o Sacramento: porqué o Sacramento he final da Fee, como recapilaçam de maravilhas, a Cruz he final da Fee, como patibulo de afrontas: & tirar maravilhas de maravilhas nam he gloria, tirar maravilhas de afrontas, isso he omnipotencia: Que signifie Deos os augmentos da sua Fee cõ hum Sacramento, que sempre foy trõno de Magestades, isso nam se admira; mas que signifie grandezas com hũ instrumento, que foy castigo de culpas, isso he o que se venera tirar de instrumentos improporcionados effeitos milagrosos he o timbre da mayor gloria de Deos, & he sem duvida o brasam dos mayores creditos desta Villa: Ia esse logo a nobre Villa de Santarem na conservaçam do mais gloriozo mysterio, que esta de Barcellos se pode justar na repetiçam do mais soberano significativo, addêre aquella o Sacramento incorrupto, q ahí possui hũa notavel bênção, q esta venera
hum

hum final prodigioso, & ahi logra hũa singular felicidade.
Frater ejus minor, maior erit illo.

Temos visto como a repetiçam destes sinais significaõ as verdades da nossa Fee, & como pera testemunhar aquella presença multiplica Deos estas Cruzes; Resta por Epilago repetir qual das partes deste povo he a que leva ventagens nos creditos daquella bençam consta o mistico corpo desta Villa de veneraçõens Ecclesiasticas, porque consta de hũa insigne Collegiada, consta de mui nobres sogeitos, porque consta de familias grandes, consta de industrios plebeos, porque consta de hum vulgo industriosamente dilatado: Estas sam às partes, de que se compoem o corpo desta Republica onde os menores correspondem aos pès, em q̄ se sustenta o pezo: os nobres ao peito, em que està o principado: os Ecclesiasticos á cabeça, em q̄ se cifra o respeito, isto suposto, pergunto? Que parte se pode jactar com as ventagens daquella bençam, os pès, onde residem os plebeos, o peito onde residem os nobres, ou a cabeça, onde residem os Ecclesiasticos? Jacob nolo ha de dizer, pois a benção de Efraim foy a melhor metaphora desta bençam. Dis a Escriptura, que pera abençoar Jacob este menor filho de Ioseph, applicou a Cruz ao lugar da sua cabeça: *Videns Ioseph quod possisset pater suus dexteram manum super caput Ephraim.* E porque nam applicou Jacob aquella bençam ao lugar do peito, nam he este o lugar onde reside o coraçam, que he o princepe daquella natural monarchia? Porque nam applicou a benção ao lugar dos pès, nam he este o lugar, onde residem aquellas partes q̄ levam o pezo todo daquella natural Republica? A cabeça de Efraim he o lugar das ventagens? A cabeça de Efraim he a primasia das bençoens? Si, que esta he a differença q̄ vay entre obrar como homem, & obrar como Profeta. Se os homens applicassem esta bençam, primeiro buscariam o coraçam respeitando a lisonja, porem Jacob como era Profeta applicou

aplicou primeiro a benção á cabeça de Efraim respeitãdo a figura. Efraim com a figura do povo Catholico representava nas partes de seu corpo os estados deste Vniuerso, na cabeça de Efraim se figurava o respeito da Igreja; por isso a benção de Iacob lagrou as primícias, porq̃ a Igreja deve levar sempre as ventagens; *quod posuisset pater suus dexteram manum super caput Ephraim*: com estes & semelhantes exemplos nos ensina Deos a obrigaçam que temos a este respeito, por nossa conta devem estar as veneraçoes do estado, & deixemos a Deos os castigos do descuido, q̃ na verdade parece falta da Fee o pouco respeito, com que nos havemos em materia, cuja consideraçam reserva Deos com particular acôrdo, aos dictames de seu euidado.

Sejam logo outras Collegiadas famosas no numero: sejam superiores na riqueza que esta se jactara nam com o numero, senam com o mysterio, nam com a riqueza, senão com a gloria, o numero de treze murças onde se achão bem authorizadas prebendas iguala sem duvida o numero do melhor Collegio, qual foy o de Christo, as rendas que forão já premio ao merecimento de grandes Príncipees se não excede, nam fica inferior por esta qualidade a outras Collegiadas do Reyno mas em nenhuma destas rezoens funda esta Collegiada o seu timbre, em nenhuma destas cifra a sua gloria; porque a gloria, & o timbre desta Collegiada he ter na cabeça de sua veneraçam a melhor felicidade destas bençoens, que sendo verdadeiros testemunhos da Fee mostrão, como dis o Tema as amigaveis prezenças de Deos. *Nemo potest hac signa facere, qua tu facis, nisi fuerit Deus cum eo.*

Finis Laus Deo, Virginiq̃e Matri.

VI por ordem dos Senhores Inquisidores este Sermam, & nam achei nelle couza contra a nella Sancta Fee, ou bons costumes, antes o julgo digno de que se imprima. Coimbra 25. de Julho de 1674.

Francisco d' Almada.

POr mandado dos Illustrissimos Senhores Inquisidores, vi este Sermam, nelle nam achei couza que repugne a nossa Sancta Fee, ou bons costumes, antes me parece digno de se imprimir pera que melhor venha à noticia de todos, no que cauzará notavel devoçam nos animos Christãos. No Collegio do Carmo de Coimbra 3. de Agosto de 1674.

O Doutor Fr. Francisco Ribeyro.

Vista a informação podesse imprimir este Sermam da Invençam da Cruz, que pregou o Conego da Collegiada de Batcellos Francisco de Macedo, & depois de impresso torne pera se conferir com o Original, & se dar licença pera correr, & sem ella nam corra. Coimbra 28. de Fevereiro de 1675.

Manoel de Moura Manoel. Pedro de Ataíde de Castro.

2 E R M A

MSDA ENOYANACAM

MSDA ENOYANACAM
MSDA ENOYANACAM
MSDA ENOYANACAM

MSDA ENOYANACAM
MSDA ENOYANACAM
MSDA ENOYANACAM



1880

MSDA ENOYANACAM

MSDA ENOYANACAM

MSDA ENOYANACAM